

AVALIAÇÃO INTER E TRANSGERACIONAL DA FAMÍLIA

Demetria Rodrigues Trevas Lins¹

Nikelly Ferreira Santos²

Rosa Cecília Lima dos Santos³

Gabriela Costa Moura⁴

Psicologia



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Com base na ciência psicológica, entende-se que a problemática de cada indivíduo usualmente pode ter sua gênese no âmbito familiar. A avaliação inter e transgeracional da família é considerada um tipo específico de psicodiagnóstico que possibilita uma análise apurada das dinâmicas familiares e seus contextos. Desta forma, o objetivo desta pesquisa é investigar, na literatura especializada, sobre a avaliação inter e transgeracional da família e seus métodos avaliativos, que consideram tanto os problemas do indivíduo quanto os da família. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, tendo como fontes livros e artigos científicos. Dentro desse contexto foram considerados alguns aspectos relevantes: o processo de evolução da família; as particularidades da anamnese familiar; a descrição sobre a técnica do genograma, um dos instrumentos de avaliação que desenvolve uma foto gráfica da família, bem como, a relevância da avaliação inter e transgeracional que averigua os possíveis fatores de risco no contexto familiar. Os resultados apresentam a relevância em considerar essa avaliação como uma ferramenta importante para o psicodiagnóstico no contexto da psicologia clínica, uma vez que, a família pode ser decisiva tanto na prevenção de doenças e na recuperação de um paciente, quanto ser parte da origem e/ou da manutenção da patologia.

PALAVRAS-CHAVE

Entrevista Familiar, Genograma, Avaliação Inter e Transgeracional.

ABSTRACT

Based on Psychological Science, it is understood that the problems of each individual usually has its genesis in the family. Thus, the objective of this research is to investigate, in the literature on the inter- and transgenerational family assessment and their evaluation methods that consider both the individual's problems and the family. The methodology used is the literature, with the books and scientific articles sources. In this context, were considered some important aspects: the process of evolution of the family; the particularities of family history; a description of the technique of the genogram, one of the assessment tools that develops a graphical picture of the family, as well as the importance of inter and transgenerational assessment that scrutinizes the possible risk factors in the family context. The results show the importance of considering this assessment, since the family can be decisive in the prevention of diseases and the recovery of a patient, as being part of the origin and / or maintenance of the condition.

KEYWORDS

Family Interview. Genogram. Inter- and Transgenerational Assessment.

1 INTRODUÇÃO

O psicodiagnóstico é um processo de busca de informações sobre o funcionamento psicológico, que consiste em beneficiar as pessoas envolvidas, promover a saúde e o desenvolvimento psíquico dos indivíduos, segundo (LAZZARI; SCHMIDT, 2008, p. 1).

Avaliação inter e transgeracional é um dos métodos de psicodiagnóstico que busca ter uma visão geral do quadro familiar, porém, focando na área que deseja confirmar diagnóstico para proceder prognóstico e tratamento (BURD; BAPTISTA, 2004, p. 95). Assim, o objetivo deste artigo é analisar na literatura especializada e pesquisada, sobre a avaliação inter e transgeracional da família e seus métodos avaliativos.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica que teve como fontes principais livros e artigos científicos da base Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) – e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Realizou-se uma busca de publicações sobre os temas: Entrevista Familiar, Genograma, Avaliação Inter e Transgeracional. Ao eleger o tema do trabalho, considerou-se relevante ressaltar alguns questionamentos como: Por que avaliar a família? Por que não focar apenas no sujeito?

Em resposta aos questionamentos, a pesquisa defrontou-se com a afirmação de que a avaliação da família representa a proposta de abranger ao mesmo tempo pais, filhos, avós, tios, e se necessário, grupos de socialização intensa na vida do sujeito. A razão de incluir toda a família no processo de investigação baseia-se no fato de que,

um indivíduo que vive numa determinada família não decorre apenas de condições internas a ele, mas também de um intenso intercâmbio com o contexto mais amplo no qual está inserido. Segundo Minuchin (APUD GOMES, 1986, p. 29) ele não só recebe o impacto desse ambiente como atua sobre ele, influenciando-o.

Os primeiros fundamentos de avaliação familiar deram-se no atendimento do pequeno Hans realizado por Freud em 1909. O processo ocorreu por meio do pai do menino, levando a mudanças significativas na dinâmica familiar. A partir daí muitos estudos apontaram a necessidade de haver algum tipo de intervenção na família como forma de apoiar a psicoterapia do sujeito em tratamento (HINTZ; SOUZA, 2009, p. 93).

Para melhor entendimento da avaliação inter e transgeracional considerou-se relevante ponderar sobre alguns tópicos; o primeiro foi o processo de evolução da família, haja vista ser a família um sistema ativo em constante transformação, que se altera com o passar do tempo e tem a importante tarefa de transmissão da cultura, valores éticos e morais que consolidam a personalidade dos indivíduos. O segundo foram as particularidades da anamnese familiar, uma vez que é necessário poder contar com métodos confiáveis de avaliação das inter-relações, buscando a conservação da saúde emocional dos membros da família.

O terceiro, a técnica de avaliação voltada à família, denominado genograma, que a partir do levantamento de dados desenvolve uma representação gráfica do grupo familiar no intuito de entender como os membros da mesma estão biologicamente e legalmente se relacionando uns com os outros, e de uma geração para outra (BURD; BAPTISTA, 2004, p. 95). E por fim, a relevância da avaliação inter e transgeracional, considerando que é na relação familiar onde ocorre a promoção da socialização funcional ou disfuncional, a educação com a consequente transmissão de valores éticos, culturais, regras e crenças. Com essa avaliação é possível averiguar os possíveis fatores de risco e promover intervenção.

A Psicologia traz como um elemento importante o olhar, para a análise da aprendizagem do sujeito no que corresponde ao vínculo patológico e ao vínculo saudável, estabelecido com os grupos sociais nos quais está inserido. Esses estudos coletam uma série de informações, que são dados sobre o interior do paciente e permite detectar e/ou descobrir as causas que provocaram a ruptura do equilíbrio psicológico (ALMEIDA, 2011, p. 202). A relação familiar não só pode levar ao desenvolvimento das possibilidades humanas, como também a um estado potencialmente alienante.

2 A FAMÍLIA COMO OBJETO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGIA

Houve um tempo em que as relações familiares – pai, mãe, filhos, agregados, vizinhos, amigos entre outros – perdiam-se em meio à comunidade que habitavam. Essas relações, sejam elas de casal ou de pais para filhos, eram permeadas por relações

comunitárias, consideradas muito importantes nessa época. As relações familiares eram ditadas por regras que a desobediência podia levar a exclusão e falta de proteção ou mesmo a morte (ARIÈS; SHORTER APUD PONCIANO; CARNEIRO, 2003, p. 59).

Na antiga mentalidade, o pai tinha todo poder sobre os filhos, como o senhor sobre seus escravos; eles pertenciam-lhe em propriedade plena, porque os fizera; ele nada lhes devia. Na nossa mentalidade contemporânea, pelo contrário, o fato de tê-los feito confere-lhe mais deveres do que direitos para com eles. Eis uma viragem fundamental dos princípios da moral familiar. (FLANDRIN APUD PONCIANO; CARNEIRO, 2003, p. 60).

No decorrer dos séculos o valor social da linhagem familiar vem seguindo outro curso, onde segundo Casey (APUD PONCIANO; CARNEIRO (2003, p. 59) era sustentado por bens materiais e pela herança familiar. Com o avanço secular, abriu-se espaço para o sentimento de família, algo mais direcionado ao conjugal, tornando a família uma célula social, a base dos Estados, firmando assim o modelo nuclear.

Na família moderna a sociedade busca e confia a tarefa da transmissão da cultura, valores éticos e morais para consolidar a personalidade dos indivíduos que nela habita. Haja vista, a família é um sistema ativo em constante transformação, que se altera com o passar do tempo (como pode ser observado nas colocações anteriores) para com isso, assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros (MINUCHIN APUD CRUZ, 2007, p. 45). Essa transformação vem gerando uma diversidade nas relações familiares, ampliando assim a intimidade e a comunicação entre os mesmos, de forma mais livre e aberta, pautando-se no diálogo e na democracia.

Ao considerar todo processo construtor que a família vem passando há várias gerações é importante pontuar que a mesma jamais foi substituída por qualquer grupo social, sendo a matriz da identidade, possibilitando experiências e autonomia a seus membros.

A família é a melhor maneira para criar indivíduos autônomos, gerando estabilidade interior diante da constante mutação do mundo exterior à família. Ela é o meio mais eficaz de manutenção da sociedade enquanto protege contra o mundo externo. (MINUCHIN APUD PONCIANO; CARNEIRO, 2003, p. 66).

O seio familiar, desde o nível biológico ao simbólico, é de grande importância na formação de todo indivíduo, seja ele pré ou pós-moderno, onde todas as suas gerações serão levadas em conta para formação do seu eu. "De fato, a história das gerações que precederam ao indivíduo é cheia de significados, mesmo quando não se atinge diretamente" (ANDOLFI APUD PONCIANO; CARNEIRO, 2003, p. 70).

Como a família está formada por uma rede de relações preexistentes ao sujeito, já possui normas e regras que norteiam a conduta de seus membros; quando esse grupo familiar é saudável seus membros seguem um curso autorregulador sem medo ou opressões. No entanto, quando o grupo familiar é disfuncional as normas e regras de condutas que afetam a qualidade de vida de seus membros precisam ser identificadas e modificadas.

A análise do método de avaliação inter e transgeracional da família favorece a compreensão de como buscar e identificar possíveis condutas repetitivas e disfuncionais que estejam afetando o sujeito que busca ajuda psicológica. A partir desta pesquisa, evidenciaram-se os métodos anamnese familiar e genograma como facilitadores deste tipo específico de psicodiagnóstico (BURD; BAPTISTA, 2004, p. 93).

3 ANAMNESE DA FAMÍLIA

A anamnese tem como objetivo principal o levantamento detalhado da história de desenvolvimento da pessoa, tendo um olhar especial principalmente em sua infância, onde acaba sendo mais utilizada na terapia infantil. Anamnese é uma técnica de entrevista que sem o objetivo adequado pode ser de pouca ou nenhuma utilidade.

Frequentemente um psicodiagnóstico é realizado por solicitação de terceiros, assim ao levantar a história, já se tem conhecimento das queixas, dos motivos que levaram à consulta, conforme informações prévias dadas para alguém ou discriminadas no encaminhamento. (CUNHA, 2003, p. 58).

Segundo Cunha (2003) é de grande importância o profissional ouvir a versão do próprio paciente, podendo assim explorar as circunstâncias do encaminhamento, registrando as reais queixas no ponto de vista do mesmo.

[...] as queixas, os motivos explícitos ou até, a não admissão de sintomas fornecem um ponto de partida. Sejam as preocupações próprias ou das pessoas com as quais convivem, elas devem se associar a algumas mudanças no comportamento ou a sintomas. (CUNHA, 2003, p. 58-59).

Para elaboração de um diagnóstico o psicólogo necessitará de uma reconstrução global da vida do paciente/família. A anamnese vem delinear esse caminho, reunindo dados de forma resumida, e em alguns momentos pontual, conforme os objetivos do exame, o tipo de paciente e a idade, características relevantes. A partir disso, o psicólogo segue um roteiro que não deve ignorar contexto da queixa trazida pelo paciente ou pela família.

Independente do estágio da vida cronológica do paciente (criança, adolescente, adulto ou idoso), nem sempre o mesmo dispõe de todos os dados necessários, de-

envolvendo assim um olhar para seus familiares, onde muitas vezes a história deve ser complementada por um exame objetivo, por meio da entrevista, com esses familiares ou pessoa de seu convívio (CUNHA, 2003, p. 63).

Ao se levar em conta o valor das inter-relações na conservação da saúde emocional dos membros da família, é necessário poder contar com métodos confiáveis de avaliação de tais relações. Na entrevista familiar pode ser utilizada uma linguagem simples, exigindo da família respostas verbais e/ou não verbais, e a depender do caso o profissional também pode fazer uso de formulários. É aconselhável para uma coleta mais abrangente que o profissional disponha do auxílio de um observador e de um gravador; o tempo de duração da entrevista não é limitado, mas em geral varia de 30 a 90 minutos (CARNEIRO, 1997, p. 1).

Essa entrevista com os membros da família, responde à necessidade de extrair dados que permitam ao psicólogo formular hipóteses e delimitar o escopo da avaliação em benefício do sujeito/cliente.

O observador deverá inicialmente anotar como os membros da família entram na sala, em que posição se senta e qual é o aspecto físico de cada um. [...] O observador deverá estar atento para fazer anotações sobre comunicações não verbais significativas - troca de olhares, contatos físicos, postura, expressões faciais, risos, caretas, choro etc. - expressas pelos membros da família. É importante que anote também o momento em que tais comportamentos foram expressos, para que, posteriormente, o conteúdo não verbal da sessão possa ser relacionado com o conteúdo verbal - obtido através da gravação - e com o andamento do processo familiar ocorrido durante a sessão. (CARNEIRO, 1997, p. 5).

Na prática, o psicólogo/entrevistador vai conduzir o espaço conversacional e os participantes deste diálogo convidam uns aos outros a interagir. As formas como o profissional e a família se encontram neste diálogo é um reflexo das negociações sobre regras da conversação que, segundo Rober (APUD KRUGER; WERLANG, 2008, p. 1), constroem-se em torno de questões como: quem fala e quem mantém o silêncio; o que é dito e o que fica sem ser dito; qual o propósito da conversação; quem corre o risco de começar a falar sobre temas difíceis; o que é aceitável e o que é inaceitável, entre outras. As questões vão sendo respondidas à medida que as pessoas lidam com os significados que emergem na interação.

No atendimento a função do entrevistador é de coordenar a sessão no que se refere à aplicação das tarefas, o observador só intervém se for abordado por algum membro da família. O gravador como um instrumento facilitador, registra o material verbal, permi-

tindo que o observador anote principalmente as comunicações não verbais ocorridas e a relação destas com as verbalizações emitidas ao longo da sessão (CARNEIRO, 1997, p. 5).

A entrevista familiar possibilita ao profissional buscar informações com o sujeito/cliente, com membros da família nuclear que fazem parte das inter-relações do ambiente imediato e a depender da intensidade da influência, outros membros como: babás, tios, avós, vizinhos etc. que podem contribuir para avaliação do caso, ajudando o profissional a formular hipóteses que auxiliam na definição do diagnóstico.

4 GENOGRAMA: UM INSTRUMENTO CLÍNICO

A avaliação voltada à família conta com técnicas, que por sua vez, permitem um melhor entendimento do contexto familiar do paciente que a partir disso proporciona um diagnóstico e posterior prognóstico e tratamento. O genograma é um instrumento clínico de investigação inter e transgeracional da família, baseado na teoria sistêmica familiar de Murray Brown, trazendo por hipóteses o entendimento de todo contexto, tanto para o clínico quanto para a própria família: "Este mapa, ou retrato, é uma construção de figuras/símbolos (quadrados ou círculos), que representam as pessoas, e de linhas (cheias ou pontilhadas), que descrevem seus relacionamentos" (WERLANG, 2000, p. 143).

Como em todo processo psicodiagnóstico, o genograma, não dispensa em primeiro modo a entrevista clínica, para levantamento de hipóteses e conhecimento mais aprofundado referente à procura de tal atendimento, bem como recolhimento de informações fundamentais para a intervenção. Diante disso, começa a montagem do genograma, orientando perguntas do problema atual a um contexto mais amplo, da família imediata até a mais extensa, da situação atual até uma cronologia histórica de eventos, dos relacionamentos e de tudo que for pertinente naquele momento.

Devem-se reunir informações como: nome de todas as pessoas que serão incluídas, número de crianças, sexo, data de nascimento e condições conjugais. Utilizando símbolos padronizados, como por exemplo, quadrados para representar homens, círculos para representar mulheres, coloca-se um x dentro do quadrado ou círculo de pessoas falecidas, no caso de casados, o marido fica à esquerda e a esposa à direita, o divórcio é representado por dois cortes horizontais e a separação apenas um corte, entre outros símbolos relacionais (BRAND; BAPTISTA, 2004).

De modo geral, a confecção do genograma deve levar em conta certas áreas como: a estrutura e o ciclo vital da família, os padrões repetitivos através das gerações, os eventos importantes e o funcionamento da família, os padrões relacionais e as triangulações, a estabilidade e o desequilíbrio familiar. (BRAND; BAPTISTA, 2004, p. 96).

O profissional deve ser cuidadoso na coleta de dados, uma vez que questões delicadas para família, que podem levar a uma compreensão das características patológica das relações dos mesmos podem vir à tona; e também para não se distanciar do foco do comportamento sintomático do paciente. Por essa razão no traçado do genograma é muito importante que o profissional estabeleça prioridades de investigação.

Possíveis itens a ser rastreados estão relacionados aos fatores: socioeconômico que avalia o nível de educação, o papel social na comunidade, serviço comunitário etc.; fatores físicos genéticos, referindo cor dos cabelos, calvície, lateralidade (esquerdo ou direito), tendências a doenças etc.; fatores ambientais e genéticos podendo considerar habilidade artística (música, literatura etc.), característica de personalidade (amigável, prudente, agressivo) etc.; valores religiosos investigando afiliação a igreja, atividade chefia, voluntariado, dízimo etc.; valores familiares, avaliando proximidade, preferência políticas, bens materiais, trabalho ético, esportista etc.; e experiências culturais como país de origem, idiomas falado, tradições culturais etc. As interpretações dessas seis categorias podem sugerir um conjunto de suposições para o levantamento de hipóteses e diagnóstico (BURD; BAPTISTA, 2004, p. 96-98).

O genograma tem se estabelecido como uma ferramenta de avaliação bastante utilizada na avaliação de família, no entanto, diante da complexidade própria das relações familiares, não se pode esperar que esse desenho gráfico abranja todas as propriedades para representá-la adequadamente. Existe uma gama de informações sobre os indivíduos, desde atividades profissionais, estudo, eventos, características específicas e de relacionamentos, identificadas pela família, que podem também ser anotadas no gráfico para construção do genograma. E nessa conjunção, entra a destreza do profissional elegendo aqueles elementos que são considerados relevantes para o objetivo da avaliação.

5 RELEVÂNCIA DA AVALIAÇÃO INTER E TRANSGERACIONAL

Dentre os principais papéis da família nuclear está a promoção da socialização, educação dos filhos, provisão financeira, geração de proteção e afeto, além da consequente transmissão de valores éticos, culturais, regras e crenças que os pais aprenderam com seus respectivos pais. Conforme Baptista, Cardoso e Gomes (2012, p. 16) para esses ensinamentos de pais para filhos o nome que se dá é de transmissão geracional, intergeracional ou transgeracional.

Na perspectiva intergeracional, por exemplo, os problemas de cada indivíduo usualmente têm sua gênese no âmbito familiar, comportamentos funcionais e disfuncionais que são transmitidos de geração em geração e consequentemente acabam por findar a história da família. Portanto, esta abordagem intergeracional se dá por meio da análise de como esta cultura familiar é conduzida, acarretando a identificação de posteriores problemas provindos deste funcionamento. Assim sendo, "o

conceito de transmissão intergeracional compreende a travessia de uma geração estabelecida de legados, rituais e tradições, a qual pode ser consciente ou inconsciente” (LISBOA; CARNEIRO; JABLONSKI, 2007, p. 52).

Dentro deste entendimento há evidências de que a dinâmica de relacionamentos vivenciados na esfera familiar em uma geração é geralmente recriada na geração seguinte.

[...] O psicólogo trabalha, em dois eixos: eixo vertical, ou transgeracional, onde são identificados papéis e funções característicos da família, bem como nível de autonomia e diferenciação de cada elemento face à sua família de origem; e o eixo horizontal, ou eixo do aqui e agora, que inclui o estudo dos padrões da interação pessoal e familiar, bem como o modo como o indivíduo e/ou grupo familiar lida com as dificuldades da vida. (SAMPAIO; GOMEIRO APUD WERLANG, 2000, p. 142).

A influência da família não se restringe ao contexto nuclear, uma vez que os ensinamentos são herdados pelas gerações interligadas. Essa transmissão geracional é percebida na repetição de padrões de comportamentos de uma geração a outra. Com estudos do histórico gráfico da família, pesquisadores observaram a transmissão tanto de experiências benéficas quanto de experiências danosas (vícios, suicídios, abusos etc.). De acordo com o estudo da dinâmica intergeracional, mesmos quando os filhos ao se tornarem adultos decidem adotar atitudes opostas a que apreenderam com os pais, quando casam e constituem suas próprias famílias tendem a repetir comportamentos semelhantes (BAPTISTA; CARDOSO; GOMES, 2012, p. 17-18).

Sobre a agressividade, segundo Berns e Fontada (APUD BAPTISTA; CARDOSO; GOMES, 2012, p. 23), “[...] mostrou-se que, devido à modelação e ao reforço dos comportamentos agressivos, a criança que presencia agressão entre adultos tem maior probabilidade de agir com agressividade no futuro”. Conforme a teoria da transmissão de comportamento e o modelo de Bandura, as pessoas que apresentam histórico de violência familiar tendem a desenvolver maior tolerância a comportamento abusivo de parceiros e/ou de desenvolver comportamento abusivo.

Estudos confirmam que quando o apoio é percebido como positivo ou benéfico é observável comportamento relacionado a humor positivo, o que aumenta a percepção de bem-estar; no entanto, em situação oposta, a fraca percepção de suporte tende a ser expressa na forma de humor negativo e desarmonia familiar. Diante disso é importante ponderar sobre a relevância do suporte ou apoio do grupo familiar no desenvolvimento, na socialização e no aprendizado do sujeito; uma vez que a família pode ser decisiva tanto na prevenção de doenças e na recuperação de um paciente, quanto ser parte da origem e da manutenção da patologia (BAPTISTA; CARDOSO; GOMES, 2012, p. 19).

A família como um sistema é de complexa compreensão. Organizam-se de diferentes formas mediante as relações que são antecedentes ao indivíduo, sejam elas, maternas, fraternas ou conjugais. Tais relações norteiam as condutas de cada membro pertencente à esfera familiar. Assim cada família tem uma forma de expor os comportamentos estabelecidos pela sua cultura e é mediante isso que seus membros irão crescer individualmente e grupalmente. Assim é possível entender a importância dada na maioria das culturas que reconhecem na família a instituição formadora de caráter, de ordem moral e política de cada sujeito que compõe a sociedade (LISBOA; CARNEIRO; JABLONSKI, 2007, p. 52-53).

6 CONCLUSÃO

O homem ao habitar o mundo é introduzido em uma organização social alimentada pelas mais variadas necessidades e simbolismos, o que o coloca em contínua e indefinida dependência do outro. Essas relações humanas não são vias de mão única, pelo contrário, elas compõem um complexo caminho de parcerias, conflitos, paixões, angústias, contradições, raivas etc. O seio familiar é o ambiente que proporciona uma ampla diversidade significativa para construção da identidade do sujeito, por meio de filiação e da transmissão intergeracional.

Avaliando o indivíduo como um ser em interação interpessoal, que está inserido num determinado contexto com enfoque nas inter-relações familiares; as histórias que contam de si mesmos estão estruturadas pelos sistemas sociais nos quais estão inseridos. Por isso, a importância da participação da família no aporte de informações que irão ajudar na análise das funções limitadoras desse sistema social, considerando conceitos funcionais e disfuncionais que contribuem para o senso do indivíduo e da comunidade que está inserido.

A partir deste trabalho foi possível investigar sobre a aplicabilidade da avaliação inter e transgeracional no contexto da psicologia clínica. O método de avaliação familiar pode ser utilizado para averiguar fatores de risco que estão presentes na família, e essa visão da configuração do contexto familiar pode ser utilizada pelo profissional competente para oportunizar esse grupo uma sensibilização; identificando as possibilidades de mudanças benéficas e/ou comprometimentos que podem favorecer no tratamento do paciente, na conquista de uma qualidade de vida e da harmonia familiar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. P. D. de. Quando o vínculo é doença: a influência da dinâmica familiar na modalidade de aprendizagem do sujeito. **Rev. psicopedag.** [on-line], v.28, n.86, 2011. p.201-213.

- BAPTISTA, M. N.; CARDOSO, H. F.; GOMES, J. O. Intergeracionalidade familiar. In: BAPTISTA, M. N.; TEODORO, M. L. M. (Org.). **Psicologia da Família**: Teoria, avaliação e Intervenção. Porto Alegre Artmed, 2012. p.16-26.
- BURD, M.; BAPTISTA, C. Anamnese da família: genograma e linha do tempo. In: FILHO, Jde M e BURD, M (Org.). **Doença e família**. São Paulo-SP: Casa do Psicólogo. 2004. p.93-110.
- CARNEIRO, T. F. Entrevista familiar estruturada – EFE: um método de avaliação das relações familiares. **Temas psicol.** [on-line], 1997. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v5n3/v5n3a07.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2015.
- CRUZ, T. J. Adolescente, família e o profissional de saúde. *Adolescência e Saúde. Rev. Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente/ UFRJ*, 2007. p.45. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=100#>. Acesso em: 6 mar. 2015.
- CUNHA, J. A. A história do examinando. In: CUNHA, J. A. *et al.* **Psiconiagnóstico**, v.5, Porto Alegre: Artmed, 2003. p.58-63.
- GOMES, H. S. R. Terapia de família. **Psicol. cienc. prof.** [on-line], v.6, n.2, 1986. p.29-32.
- HINTZ, H. C.; SOUZA, M. O. de. A terapia Familiar no Brasil. In: OSORIO, L. C.; VALLE, M. E. P. do. **Manual de terapia familiar**. VI, Porto Alegre: Artmed, jun de 2009. p.93.
- KRUGER, L. L.; WERLANG, B. S. G. O genograma como recurso no espaço conversacional terapêutico. **Aval. psicol.** [on-line], v.7, n.3, 2008. p.415-426.
- LAZZARI, J. M. W.; SCHMIDT, E. B. Percepção dos pais em relação a mudanças após o processo psicodiagnóstico. **Aval. psicol.** [on-line], v.7, n.2, 2008. p. 211-221.
- LISBOA, V. L.; CARNEIRO, T. F.; JABLONSKI, B. Transmissão intergeracional da cultura: Um estudo sobre uma família mineira. **Psicologia em Estudo**, v.12, n.1, Maringá, 2007. p.51-59.
- PONCIANO, E. L. T.; CARNEIRO, T. F. Modelos de família e intervenção terapêutica. **Interações**, v.VIII, nº 16, 2003. p.59 -70. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-29072003000200004&script=sci_arttext>. Acesso em: 6 mar. 2015.
- WERLANG, B. G. Avaliação inter e transgeracional da família. In: CUNHA, J. A. *et al.* **Psicodiagnóstico-V**. 5.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p.141-150.

Recebido em: 17 de maio de 2015

Avaliado em: 26 de agosto de 2015

Aceito em: 29 de fevereiro de 2016

-
1. Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: drtrevas@yahoo.com.br
 2. Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: nikellyferreira@yahoo.com.br
 3. Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: rosacecilia.lima@hotmail.com
 4. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. Psicanalista Membro Efetivo do Toró Escola de Psicanálise, Maceió – AL. E-mail: gabrielamourapsi@gmail.com